

**A ideia de sacrifício, a partir das fontes da Antiguidade  
Clássica, em a *Arte de Ser Português* de Teixeira de Pascoaes**  
**The idea of sacrifice based on the sources of Classical Antiquity in  
*Arte de Ser Português* by Teixeira de Pascoaes**

ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO<sup>1</sup> (*UCP, Braga – Portugal*)

**Abstract:** We first situate *Arte de Ser Português*, a work of maturity, in the context of its time. Afterwards, we identify some thematic strands of Hellenic inspiration which seem to underlie the definition of the idea of sacrifice presented by Teixeira de Pascoaes in this short manual for civic education. We recognize a movement driven by the notion of “literature of reuse” and ultimately of intertextuality.

**Keywords:** idea of sacrifice; Classical Antiquity; Portuguese Literature; Teixeira de Pascoaes; *Arte de Ser Português*.

João Maia, numa reflexão em torno do que é “Preparar para a Vida”, relata que o filósofo espanhol Ortega y Gasset (1883-1955), já no seu tempo, afrontou o velho dilema do “assincronismo de vida e cultura”: “partiu do facto insólito de os ingleses enviarem, em cada geração, para Oxford e Cambridge, os mais dotados moços (...) e os formarem em latim e grego”, para concluir que “assim formados, vinham a ser dos mais sagazes administradores, dos que mais se adaptavam à vida...”<sup>2</sup>. Por outro lado, são conhecidos de todos os laços de estreita amizade, vertidos em extenso epistolário, que aproximavam o homem e o pensamento de Miguel Unamuno do habitante do solar de Pascoaes e que foram objeto de estudo aprofundado

---

<sup>1</sup> antmelo@braga.ucp.pt. Este trabalho foi produzido no âmbito da UID/FIL/00683/2013, Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos 2015-2017, financiado pela FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Este texto agora publicado corresponde, em parte, a uma comunicação apresentada por mim no âmbito do 2.º Congresso Internacional do Triénio Pascoalino, intitulado “*Arte de Ser Português* no centenário da sua publicação”, promovido pelo CLEPUL da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nos dias 13, 14 e 15 de outubro de 2015, que teve lugar na Academia das Ciências de Lisboa, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e na BN de Portugal. URL: <http://congressobiografias-trieniopascoalino.blogspot.pt/p/programa2015.html>. O título foi sugerido pela Comissão Organizadora, na pessoa da Doutora Sofia A. Carvalho, a quem estou muito grato.

<sup>2</sup> MAIA (2012) 4.

por Barros Dias, em dois grossos volumes<sup>3</sup>. Aliás, o pensador basco viria mesmo a anuir ao pedido que Pascoaes lhe dirigiu para integrar o elenco de colaboradores da revista *A Águia*, como havia de ser anunciado na página dezasseis do terceiro número da I.ª Série, editado a 1 de janeiro de 1911<sup>4</sup>. Por isso, resultam compreensíveis, nesta mundividência, as palavras do poeta amarantino, insertas num texto publicado na revista *A Águia*, II Série, n.º 2, em fevereiro de 1912, numa altura em que ele próprio tinha assumido a sua direção. Depois de afirmar que “as únicas forças invencíveis são as forças do Espírito” e de atirar contra o acinte da “ingenuidade dos que se julgam práticos, modernos...”, logo identifica o mal do seu tempo:

*O preconceito do senso prático, no sentido vulgar e universal, é um dos maiores males modernos, porque esteriliza o homem, redu-lo a um pobre autómato, a uma pequena máquina banal que pratica acções mortas, inertes, como as outras, as de ferro, fazem calçado ou alfinetes*<sup>5</sup>.

E acrescenta, ainda neste seu artigo intitulado “Renascença (O espírito da nossa raça)”, que esta é a origem da “morte que há na vida de hoje”; que é este preconceito o “inimigo de toda a audácia fecunda, de todo o ímpeto heroico, de todo o gesto criador”. E isto, continua o poeta, “diminui o homem (...) fá-lo retrogradar, baixar à sombra originária e simiesca”<sup>6</sup>. O mesmo é dizer, o homem perde a sua característica identitária de ser humano, com os seus sonhos e a sua capacidade única de comunicar, que o individualiza no seio da natureza. A solução apresenta-a o poeta de Gatão no artigo “Mais palavras ao homem da espada de pau”, publicado nesta mesma revista<sup>7</sup> em resposta ao artigo de António Sérgio, intitulado “Explicações necessárias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relâmpago” e publicado no número anterior<sup>8</sup>. Ali pode ler-se:

---

<sup>3</sup> DIAS (2002).

<sup>4</sup> DIAS (2002) I, 157. A informação pode ser conferida na BND, *A águia: revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica, Porto, 1910-1932* (<http://purl.pt/12152>), consultada em 10 de outubro de 2016.

<sup>5</sup> PASCOAES (1912b); rep. SAMUEL (2004) 157-158.

<sup>6</sup> PASCOAES (1912b); rep. SAMUEL (2004) 158.

<sup>7</sup> PASCOAES (1914a) 1-5.

<sup>8</sup> SÉRGIO (1914) 170-175.

*A educação tem de ser sentimental e prática, preparando o homem para viver pela alma uma vida superior e, ao mesmo tempo, de trabalho fecundo e livre. O homem é carne e osso, sentimento e inteligência.*

*E, no nosso caso nacional, a educação verdadeira será aquela que tornar os portugueses conscientes da sua Pátria e aptos para o trabalho que produz riqueza material e espiritual<sup>9</sup>.*

A harmonia entre estes dois princípios, entre “a alma que sonha” e “o corpo que trabalha” traduz-se pelo Saudosismo, que “tem por alma a saudade”<sup>10</sup>.

Estas palavras de Teixeira de Pascoaes, de seu nome de batismo Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos, têm de ser situadas no âmbito da Renascença Portuguesa, uma associação de cariz cultural, da segunda década do século XX, com sede no Porto, e de que ele foi um dos principais mentores. Segundo ele, o objeto desta *Sociedade* é “criar um novo Portugal, ou melhor, ressuscitar a Pátria Portuguesa”<sup>11</sup>, o que explica a sua designação:

*Mas não imagine o leitor que a palavra Renascença significa simples regresso ao Passado. Não! Renascer é regressar às fontes originais da vida, mas para criar uma nova vida.*

*Renascer é dar a um antigo corpo uma nova alma fraterna, em harmonia com ele<sup>12</sup>.*

Dois anos mais tarde, Teixeira de Pascoaes retoma esta ideia, em conferência realizada na Associação de Estudantes do Porto, intitulada “*A era lusíada*” e de que se publicou um excerto no órgão oficial da *Renascença Portuguesa*<sup>13</sup>. Diz ele, em citação a partir da coletânea de Paulo Samuel, intitulada *Teixeira de Pascoaes na Revista A Águia*, e que me tem servido de guia:

*Nós, os portugueses, queremos renascer e não apenas progredir. Queremos vida e não movimento inanimado, espírito e não retórica (...).*

*Mas nós, os portugueses, devemos amar alguma coisa mais do que o progresso. Nós queremos renascer. Portugal já viveu, já foi alguém. Pois que esse alguém readquira a sua velha fisionomia, animado, muito embora, de nova vida; que esse alguém ressuscite e venha cumprir ainda, sobre a terra, um alto destino<sup>14</sup>.*

---

<sup>9</sup> PASCOAES (1914b) 5.

<sup>10</sup> PASCOAES (1914b) 5.

<sup>11</sup> PASCOAES (1912a) 1.

<sup>12</sup> PASCOAES (1912a) 1.

<sup>13</sup> PASCOAES (1914a) 97-101.

<sup>14</sup> PASCOAES (1914a) 99.

O idealismo espiritualista pascoalino, para usar uma expressão de Luísa de Castro Soares<sup>15</sup>, leva o poeta a identificar o princípio vital desta portugalidade renascida na “alma portuguesa”: “Sim: a alma portuguesa existe, e o seu perfil é eterno e original”<sup>16</sup>, como desassombradamente confessa em 1912, na revista *A águia*, em texto há pouco mencionado. Era esta ideia que lhe alimentava o sonho de «novo Portugal, mas *português*», ideia essa que ele vai retomar insistentemente na sua conferência “*A era lusíada*”, já atrás referida:

*Queremos um Portugal português e, ao mesmo tempo, humano. Queremos a nossa Pátria de acordo com o Passado e o Futuro, mergulhando as raízes na noite da Recordação para florescer à luz da Esperança e criar a sua obra espiritual, religiosa, obra de amor e sacrifício*<sup>17</sup>.

Pascoaes, sentindo a brisa dominante do seu tempo, fechado à metafísica, e focando a sua atenção no pobre autómato em que se transformou o homem, perscruta nele uma alma humana que sofre, que “sofre no íntimo do corpo” e já se inquieta “e sonha com uma nova esperança”<sup>18</sup>: “O sonho do homem é libertar-se do que é, ligando-se ao que foi e ao que há de ser (...). O sonho do homem é despir o seu hábito carnal, matar o instante presente, expiar a pena de viver”, como se pode ler num artigo seu, intitulado “O tempo (1914-1915)”, editado na revista *A Águia*<sup>19</sup>.

Com efeito, a existência humana, enquanto reflexo da “pessoa material”, revela-se no instante presente, “na consciência dolorosa da sua vida, da sua vida *que é* e não da *que foi* ou que *há-de ser*”<sup>20</sup>. Uma existência subordinada a um ideal, “que representa a mais alta realidade”. E acrescenta Pascoaes no seu artigo “Portugal e a Guerra e a Orientação das Novas Nações”: “o homem só dá a vida pelo ideal, ou esse ideal seja pátria, a alma dum povo, uma crença religiosa, a liberdade, a justiça, o direito (...). Daí o seu trágico destino de

---

<sup>15</sup> SOARES (2010) 611.

<sup>16</sup> PASCOAES (1912a) 3.

<sup>17</sup> PASCOAES (1914a) 99.

<sup>18</sup> PASCOAES (1914a) 100.

<sup>19</sup> PASCOAES (1915) 2.

<sup>20</sup> PASCOAES (1915) 1.

sacrifi-cado”<sup>21</sup>. Uns parágrafos mais adiante, de forma lapidar, bem se pode dizer, define assim o poeta amarantino a natureza da educação do génio português, da alma lusíada: “Abnegação, amor, sacrifício, eis o mármore divino em que precisamos de esculpir a própria alma”<sup>22</sup>.

Assim se anuncia o aparecimento da *Arte de Ser Português*, pequeno volume saído a lume em 1915, “escrito em quinze dias” e que organiza, nas palavras de Pascoaes, “as ideias que tenho espalhado em conferências e artigos publicados n’ *A Águia*”<sup>23</sup>. No mesmo ano em que António Sérgio publicou a sua *Educação Cívica*<sup>24</sup>. Nesta altura, pois, parece natural que se coloque a questão que até aqui nos trouxe: qual a natureza desta ideia de sacrifício que Pascoaes eleva a lei suprema, “A lei suprema da Vida é a lei do sacrifício”<sup>25</sup>, como escreveu o poeta na *Arte de Ser Português*? Como conjugar a resposta a esta questão com o desejo do poeta que sonha com um “Portugal português” e incentiva a mocidade a cultivar o original “carácter português”? Trata-se da *vexata quaestio* das influências e da irredutibilidade da sua obra a uma classificação clássica, de que é exemplo o artigo de Luísa Malato Borralho<sup>26</sup> que discorre justificadamente em torno da questão “Teixeira Pascoaes: um clássico romântico?” Curiosamente, com exceção deste estudo, não mais se encontra a expressão de cultura greco-latina ou de influências clássicas para caracterizar o pensamento do poeta de Gatão. E não foram poucos os estudos compulsados para este trabalho. Segundo Joaquim de Carvalho, em Pascoaes, “as influências que sofreu produziram-se, não por imitação (...), mas por sugestão e pelo choque emocional que as leituras lhe provocaram, umas vezes alentando e nutrindo o desenvolvimento de coincidências, outras vezes gerando, por contraste, a eclosão do próprio pensamento”<sup>27</sup>. O próprio

---

<sup>21</sup> PASCOAES (1914c) 165.

<sup>22</sup> PASCOAES (1914c) 166.

<sup>23</sup> PASCOAES (1991) 9.

<sup>24</sup> SÉRGIO (1984). A primeira edição data de 1915, com a chancela da Renascença Portuguesa, no Porto. Trata-se de um compêndio que recolhe os artigos publicados pelo seu autor na revista *A Águia*.

<sup>25</sup> PASCOAES (1991) 28.

<sup>26</sup> BORRALHO (2004).

<sup>27</sup> CARVALHO (1987) 75.

reclama a sua originalidade, a sua marca telúrica de um autóctone que vive desassombradamente este “ditame vital e espiritual”, confessando em *Homem Universal*, em versos já citados por Jorge Coutinho<sup>28</sup>: “O meu pensamento sou eu próprio (...). O meu pensamento sou eu, a minha dor em acção ou feita verbo, por um processo misterioso, como a onda invisível que se faz luz”<sup>29</sup>. A sinceridade destas palavras já há muito o reconheceu Lúcio Craiveiro da Silva, para quem “seria caminho perdido ou menos indicado querer defini-lo, nas suas atitudes fundamentais, por influências de autores ou leituras de livros”<sup>30</sup>.

Pois bem. Este pensamento parece ser contrariado, ou talvez não, por Leonardo Coimbra, filósofo português contemporâneo e confrade do poeta amarantino. Com efeito, no segundo livro de *O Criacionismo*, intitulado *Síntese Filosófica* e que havia de ser publicado em 1912, três anos antes da edição da *Arte de Ser Português*, quando caracteriza a geração dos “poetas novos”, dizendo que neles há “a confirmação e o exemplo da natureza dialética da arte”, a certa altura fala de Pascoaes nestes termos:

*Pascoaes precipitou-se, a cabeleira empoada de astros, os olhos acesos em relâmpagos, dos confins sidérios. Atravessou o corpo arrefecido da terra, para de novo surgir do outro lado, entre as constelações.*

*O seu helenismo é o rasto da Terra incendiada*<sup>31</sup>.

Deste pequeno trecho, fica para reflexão, essencialmente, a referência ao helenismo. Impõe-se, assim, a busca do rasto desta centelha espiritual, perscrutar algumas dessas manifestações plausíveis neste seu pequeno manual de educação cívica, a *Arte de Ser Português*. E, paulatinamente, se há de concluir acerca da natureza do *Sacrifício*, ou melhor, se há de discorrer acerca das eventuais marcas identitárias da teoria do sacrifício aqui vertida.

---

<sup>28</sup> COUTINHO (1995) 40.

<sup>29</sup> PASCOAES (1993) 14-15.

<sup>30</sup> SILVA (1994) 222.

<sup>31</sup> COIMBRA (1958) 66.

Diz Teixeira de Pascoaes que “ser português é também uma arte, e uma arte de grande alcance nacional<sup>32</sup>, e, por isso, bem digna de cultura”<sup>33</sup>. Dois parágrafos depois, ele vai identificar o seu objetivo: “o fim desta Arte é a renascença de Portugal...”<sup>34</sup>. Ora a Arte, como alguns críticos a concebem, nomeadamente João Mendes, “revela-se-nos sempre como alguma coisa de intencional e reflexo”<sup>35</sup>. Resulta, pois, daqui, que o poeta opta conscientemente pela repetição da palavra “arte” e opta por uma conceção de arte própria da mundividência helénica. Com efeito, o segundo parágrafo aponta para a etimologia da palavra (do latim *ars*), no sentido de a considerar uma habilidade, natural ou adquirida, que tem por objetivo a execução de uma finalidade, prática ou teórica. Por isso, a arte pode ser ensinada, mas também aprendida: “O mestre” — diz Pascoaes<sup>36</sup> no seu manual — “que ensinar aos seus alunos, trabalhará como se fora um escultor, modelando as almas juvenis para lhes imprimir os traços fisionómicos da Raça lusíada”. E, a propósito, não se deixe passar em vão esta metáfora de inspiração platónica, do tratado *A República* (377c). Diz Platão, ao falar da educação das crianças, quando recomenda que se lhes ensinem apenas as fábulas que forem boas: *τοὺς δ’ ἐγκριθέντας πείσομεν τὰς τροφούς τε καὶ μητέρας λέγειν τοῖς παισίν, καὶ πλάττειν τὰς ψυχὰς αὐτῶν τοῖς μύθοις πολὺ μᾶλλον ἢ τὰ σώματα ταῖς χερσίν*, isto é, “persuadiremos as amas e as mães a contá-las às crianças, e a moldar as suas almas por meio das fábulas, com muito mais cuidado do que os corpos com as mãos”<sup>37</sup>. Nesta primeira página da *Arte de Ser Português*, qual portada premonitória, se assim se pode dizer, quando o poeta do Gatão fala em reconduzir, reintegrar a juventude no carácter da tradição do ser-se português, a fim de ali colherem uma renovada energia moral e social, remata que toda esta atividade deve ser “subordinada a um

---

<sup>32</sup> Diz PASCOAES (1991) 9, em nota: “E julgámo-la tão urgente, que apressámos a publicação deste livro escrito em quinze dias. Nele tentei somente organizar as ideias que tenho espalhado em conferências e artigos publicados n’ *A Águia*”.

<sup>33</sup> PASCOAES (1991) 9.

<sup>34</sup> PASCOAES (1991) 9.

<sup>35</sup> MENDES (1982) 49.

<sup>36</sup> PASCOAES (1991) 9.

<sup>37</sup> PLATÃO (2008) 87.

objectivo comum superior”, que é o ressurgimento da Pátria. Bem próximo destas palavras está este passo do diálogo platónico *Criton*<sup>38</sup>, citado por António Freire<sup>39</sup>, quando Sócrates declara que *ὅτι μητρός τε καὶ πατρός καὶ τῶν ἄλλων προγόνων ἀπάντων τιμιώτερόν ἐστιν πατρις καὶ σεμνότερον καὶ ἀγιώτερον* ‘καὶ ἐν μείζονι μοίρα καὶ παρὰ θεοῖς καὶ παρ’ ἀνθρώποις τοῖς νοῦν ἔχουσι, isto é, “a Pátria é mais digna de honra, mais respeitável, mais sagrada e tida em mais alto apreço pelos deuses e pelos homens sensatos, do que o pai, a mãe e todos os antepassados”. A edição que estamos a citar da *Arte de Ser Português* encerra esta sua primeira página com a palavra “Destino” — “... colocar a nossa Pátria ressurgida em frente do seu Destino”<sup>40</sup> — que, com a veemência que aqui se pressupõe, pode considerar-se uma alusão<sup>41</sup> à terrível *moira* grega, fixa e inamovível, ao jugo da qual o próprio Zeus parecia curvar-se<sup>42</sup>. Tradicionalmente, é este o passo dos Poemas Homéricos citado em abono daquela afirmação. Zeus, vendo o perigo que espreitava o seu filho Sarpédon na batalha empreendida pelos Aqueus nas praias de Troia, tem vontade de o retirar, mas logo Hera lhe replica:

*αἰνότατε Κρονίδη ποῖον τὸν μῦθον ἔειπες.  
 ἄνδρα θνητὸν ἔόντα πάλαι πεπρωμένον αἴση  
 ἄψ ἑθέλεις θανάτοιο δυσηχέος ἐξαναλῦσαι;  
 ἔρδ’ ἀτὰρ οὐ τοι πάντες ἐπαινέομεν θεοὶ ἄλλοι.  
 ἄλλο δέ τοι ἐρέω, σὺ δ’ ἐνὶ φρεσὶ βάλλεο σῆσιν·*

*Crónida terribilíssimo, que palavra foste tu dizer!  
 A homem mortal, há muito fadado pelo destino,  
 Queres tu salvar de novo de morte funesta?  
 Fá-lo. Mas todos nós, demais deuses, te não louvaremos*<sup>43</sup>.

Uma conceção que não é estranha ao universo espiritual de Teixeira de Pascoaes, a que ele próprio dá expressão em texto publicado na revista

<sup>38</sup> PLAT. *Crit.* 51a-51b.

<sup>39</sup> FREIRE (1967) 246.

<sup>40</sup> PASCOAES (1991) 9.

<sup>41</sup> No sentido de uma evocação. No âmbito das relações de intertextualidade, “tradição de discursos de uso repetido” [LAUSBERG (1972) 81], vamos seguir a nomenclatura da tipologia formal da citação estabelecida por DÍAZ LAVADO (1999).

<sup>42</sup> HOM. *Il.* 16.440-443.

<sup>43</sup> HOMERO (2005) 332.

A *Águia*, intitulado “Uma carta a dois filósofos”. O “espectro do destino”, o “mistério trágico do *Fatum*”, “esse limite de treva impenetrável” a quem nem “a Cruz do Calvário e o Rochedo do Cáucaso destroem”: “*O Destino a quem o próprio Júpiter obedece*”, dizia um poeta grego. E o mais trágico e misterioso do Destino é esta sua majestade infinita reinando sobre os homens e os Deuses”<sup>44</sup>, numa referência genérica à *Iliada* de Homero. Noutra sítio, ainda a propósito, podemos ler este testemunho da proximidade e admiração de Pascoaes aos gigantes que aos ombros ainda hoje impulsionam esta nossa civilização ocidental: “Sim: eu sofro o vosso orgulho crucificado, velhos Filósofos da Grécia, que passeastes, no túmulo vitorioso e estúpido de Roma, toda a tragédia da vossa pátria submetida”<sup>45</sup>. Neste texto em que discorre acerca “Da guerra”, em parágrafo anterior, já ele tinha manifestado igual inclinação, sob a forma de testemunho, ao defender os aliados, isto é, a “Raça latina, a Civilização greco-judaica firmada no culto enternecido da Beleza e da Justiça, num sentimento de humanitarismo e destino evangélico que é motivo transcendente da nossa inadaptação à vida prática”<sup>46</sup>. Deste modo, uma nova luz ganham as palavras de Lúcio Craveiro ao vaticinar que “nele encontramos um Bergson ou um Platão, por exemplo, como deparamos com outros pensadores, escritores ou poetas; mas não se pode dizer que Pascoaes seja da escola de Bergson ou de Platão...”<sup>47</sup>. Isso explica, por exemplo, que Pascoaes se afaste da doutrina platónica, ao considerar que a “ideia vai-se formando através do conhecimento da realidade que nos fornecem as sensações”<sup>48</sup>.

Mas o poder, a força deste estímulo espiritual helénico pode vislumbrar-se, desde logo, no título, *Arte de Ser Português*. Com efeito, a etimologia do vocábulo português *Arte*, do latim *Ars*, leva-nos até à *tékhne* (τέχνη) grega que, na época, designava um tratado que oferecia um conjunto de princípios teóricos e normas práticas (*regulae*), elaboradas a partir da experiência, que compreendiam a forma de realizar uma ação tendente ao seu aperfeiçoamento.

---

<sup>44</sup> PASCOAES (1915a) 13.

<sup>45</sup> PASCOAES (1915b) 59.

<sup>46</sup> PASCOAES (1915b) 58.

<sup>47</sup> SILVA (1994) 222.

<sup>48</sup> BATELLI (1953) 35.

mento, ação essa que é suscetível de ser ensinada e aprendida. Desta ação pode resultar uma obra (*opus*), a qual há de implicar certamente uma prática repetida (*exercitatio*) e a referência a modelos (*exempla*) que serão objeto de imitação pelo aprendiz<sup>49</sup>.

É assim que a *Arte* se configura como um tratado teórico-prático em que, à maneira de Aristóteles, começa por aplicar a sua “filosofia prática”, isto é, a sua filosofia “platónico-empírica” aos princípios tradicionais para daí inferir normas, regras e, em consonância, fazer as suas recomendações ou dar os seus conselhos. Como escreve López Eire<sup>50</sup>, Aristóteles filosofa sobre todas as coisas:

*... esas filosofías prácticas aristotélicas (...) versan bien sobre el arte de la poesía, bien sobre el arte de persuadir, e incluso sobre la manera de conseguir la felicidad del individuo y del estado... dieron lugar, respectivamente, a la Poética, la Retórica, la Ética y la Política, artes todas ellas que al pasar por el tamiz de la filosofía platónico-empírica del Estagirita se convirtieron en ‘filosofías prácticas’...*

Ora, tendo em conta esta reflexão do professor que foi da Universidade de Salamanca, talvez se possa avançar, agora, com alguma segurança, para o estudo da conceção de *Sacrifício* para Teixeira de Pascoaes, na *Arte de Ser Português*, o mesmo é dizer, conhecer mais aprofundadamente a sua teorização do sacrifício. E falamos em *concepção* pois é deste modo que Teixeira de Pascoaes há-de vir a definir o seu pensamento em *O Homem Universal*, um pensamento que, “sendo sincero, é natural e implica uma *concepção*, não *conceito*, mais ou menos lógica do homem”<sup>51</sup>. Por aqui se é levado para um certo dinamismo que se insinua na etimologia do vocábulo *concepção* e define o modo de ser intrínseco à alma humana, que “obedece a um movimento rítmico de ascensão e queda, enquanto vive”, como escreve Pascoaes<sup>52</sup> no seu artigo “Uma carta a dois filósofos” já acima referido.

Esta dinâmica de ascensão e queda, continua o poeta Teixeira de Pascoaes, em que o ser humano se sente arrastado, ora para o Bem através de “uma divina mão de luz”, ora para o Mal, pela mão das trevas, não se equi-

<sup>49</sup> MUÑOZ MARTÍN (2006) 221-222.

<sup>50</sup> EIRE (2004) 12-13.

<sup>51</sup> PASCOAES (1993) 113.

<sup>52</sup> PASCOAES (1915a) 13.

valem; porém, “o campo tenebroso (...) poderá acaso ser reduzido pelas almas heróicas”, nesta caminhada em que “a dor salvadora nos eleva para o céu, o sonho da Redenção, pelo sacrifício do individual ao espiritual”, como já se pode ler na *Arte de Ser Português*<sup>53</sup>.

Nesta obra, a palavra *sacrifício* aparece dezassete vezes e ganha uma centralidade renovada com os capítulos IV e V. Depois de tratar do entendimento que tem do ser-se português, de herança e tradição, do carácter que faz a raça e da raça que origina a Pátria, Pascoaes vai concluir que “Portugal é também uma Pátria, porque é uma Raça politicamente independente, senhora do seu destino”<sup>54</sup>. Logo a seguir, no capítulo III<sup>55</sup>, o seu pensamento, em crescendo, situa a Pátria numa esfera que transcende as vidas individuais dos portugueses, enquanto “seres animais e humanos”, e ao ser espiritual, a Pátria, deve ser sacrificada essa vida animal e transitória, isto é, o sacrifício é um meio para alcançar um fim, a pátria espiritual.

Ora isto traduz-se numa conceção hierarquizada da vivência humana, que implica uma ascensão do indivíduo ao plano mais elevado da espiritualidade. Por outras palavras, “vemos que os (seres) imperfeitos” — diz Pascoaes — “representam *transições* para os mais perfeitos”<sup>56</sup>. Com efeito, a Vida desenvolve-se segundo esta “Lei Suprema”, curiosamente o título do capítulo IV, lei suprema essa que é “a lei do sacrifício das formas inferiores às superiores”. É a lei do sacrifício o meio posto ao serviço do indivíduo para que ele cumpra sumamente o seu destino, “tornando-se Família, Pátria, Humanidade” que, enquanto seres espirituais que são, “são pessoas de Deus”<sup>57</sup>, como se lê em nota; isto é, o indivíduo sobe “da sua natureza individual e animal à perfeita natureza do Espírito”<sup>58</sup>. E dá como exemplo Nuno Álvares Pereira, que “morreu como homem para viver como Portugal”, donde a necessidade de inculcar aos portugueses este espírito heroico, que é efetivamente a verdadeira finalidade deste manual cívico, como confessa, ainda nesta página,

---

<sup>53</sup> PASCOAES (1991) 57.

<sup>54</sup> PASCOAES (1991) 20.

<sup>55</sup> PASCOAES (1991) 23-24.

<sup>56</sup> PASCOAES (1991) 27.

<sup>57</sup> PASCOAES (1991) 28.

<sup>58</sup> PASCOAES (1991) 28.

o poeta de Gatão. E é através deste heroísmo que a alma dos portugueses empresta à Pátria “novas energias e virtudes” de que aquela está carecida: “sem acção moral pode haver existência, mas não há vida”<sup>59</sup>. Daqui se pode inferir, como observa Ferreira Patrício<sup>60</sup>, que “o humanismo de Pascoaes inclui e transcende o seu patriotismo”. Com efeito, diz Pascoaes<sup>61</sup>: “A Pátria, ser espiritual, está intimamente ligada à Humanidade. Está para a Humanidade, como o indivíduo para a sociedade”.

À maneira de uma arte de cariz helénico, primeiro, estabelece os princípios, “generaliza, dá o conjunto” de normas, à maneira de um filósofo<sup>62</sup>, para, de seguida, estabelecer normas práticas de acção. A esta luz se deve compreender o título do capítulo V, ‘Como cultivar o sentimento de sacrifício’. Teixeira de Pascoaes, a partir da noção de complexidade, em biologia, sinónimo de perfeição, isto é, quanto mais complexo o ser vivo, mais perfeito ele é, vai retomar o seu pensamento, desenvolvendo-o no sentido ascendente, dizendo que o ser supremo é Deus: “Família, Pátria, Humanidade representam seres espirituais, cada vez mais complexos, que findam no supremo ser espiritual”<sup>63</sup>. O homem que ocupa o lugar mais elevado entre os seres espirituais é o “homem sublime, o santo”, “vive ainda a vida da Humanidade e mesmo a do Universo”. Elevar o homem do plano individual ao coletivo, diz Pascoaes, implica que ele cultive “o sentimento de sacrifício, a voluntária e consciente obediência à Lei suprema”. Trata-se de um “sentimento de sacrifício” que, para o ser, “exige aquele excesso de vida que nos leva a desprezar a morte e a trabalhar alegremente”<sup>64</sup>. E é assim que, pelo sacrifício, a Lei suprema da Vida, o Indivíduo cultiva a saúde, em ordem a ser um bom Pai — “o casamento deve ser, portanto, um acto religioso e de sacrifício aos filhos”<sup>65</sup> — pilar de uma Família que existe politicamente através da vida municipal e, em si, contém potencialmente a natureza de uma Pátria: “O bom

---

<sup>59</sup> PASCOAES (1991) 29.

<sup>60</sup> PATRÍCIO (1996) 30.

<sup>61</sup> PASCOAES (1991) 29.

<sup>62</sup> PASCOAES (1993) 19.

<sup>63</sup> PASCOAES (1991) 33.

<sup>64</sup> PASCOAES (1991) 34.

<sup>65</sup> PASCOAES (1991) 41.

português deve cultivar em si o patriota, que abrange o indivíduo, o pai e o munícipe e os excede..."<sup>66</sup>.

Esta pequena sùmula da teoria do sacrifício a partir da *Arte de Ser Português* vem plasmada de uma aura otimista que decorre de uma essência ontológica que define o pensamento poético de Teixeira de Pascoaes: "o destino do homem é ser consciência do universo em ascensão perpétua para Deus", como se lê em *O Homem Universal*<sup>67</sup>. Não foi indiferente ao poeta, por esta época, o pessimismo de um humanismo fechado ao Absoluto inscrito na *Nova Teoria do Sacrifício* do seu confrade e filósofo portuense, José Teixeira Rego, de quem cita estas 'trágicas palavras', na "Carta a dois filósofos": "o homem é uma aberração, um verdadeiro escândalo da Natureza...". Mais adiante reforça a sua condenação desta estranha teoria, afirmando que ela "desintegra o homem da Natureza e, com ele, todo o seu extraordinário sonho de Divindade, e o abandona, frágil e casual, à condição patológica de monstro!"<sup>68</sup>. A conceção do Sobre-humano de Pascoaes afasta-se, assim, do "Super-homem teorizado por Nietzsche em *Assim falava Zaratustra*. O primeiro representa a esperança num mundo melhor, ao invés do segundo que é o pessimismo do niilismo ou a inutilidade de se viver para nada"<sup>69</sup>. Recorde-se que a teoria de Teixeira Rego foi uma resposta às teses de Roberto Guilherme Woodhouse (1828-1876), católico fervoroso que, "em 1872, tentava adequar as teorias evolucionistas com o livro dos Génesis"<sup>70</sup>.

Esta evolução dinâmica, condição da "existência superior"<sup>71</sup> do ser humano, tem por centro vital o *sacrifício*, enquanto "processo por que o 'imperfeito material' se torna 'perfeição espiritual'. É que o ser humano (...) não realiza em si, o seu destino, mas nos seres espirituais: Família, Pátria,

---

<sup>66</sup> PASCOAES (1991) 48.

<sup>67</sup> PASCOAES (1993) 5.

<sup>68</sup> PASCOAES (1915a) 16.

<sup>69</sup> TAVARES (2012) 46.

<sup>70</sup> CARVALHO (2015a) 125.

<sup>71</sup> PASCOAES (1915a) 18.

Humanidade, Deus”<sup>72</sup>. Daí que o sacrifício se desvele ao espírito humano com uma aura sagrada. Diz Pascoaes em “Uma carta a dois filósofos”<sup>73</sup>:

*O espiritual começou a viver do animal. É esta a lei do sacrifício é a lei suprema da Natura:*

*E assim, a Vida é o grande sacrifício  
Que a Deus faz a sensível Natureza,  
Para que Deus exista em dor e amor...  
(As Sombras)*

*O Espírito não traduz, portanto, uma aberração da Natureza, mas a sua virtude sobrenatural, o seu poder infinito de excedência, de autotransfiguração ideal.*

A dimensão sagrada do sacrifício é algo que já se encontra inscrito no próprio vocábulo, se atentarmos na sua etimologia (*sacer*, “que não pode ser tocado, sem ser manchado, sagrado”); por outro lado, diz-se sagrado porque se trata de uma oferenda ritual feita a uma divindade (*facere*, fazer). É sagrado (*sacrum*) e, por isso, designa aquilo que é próprio do mundo divino, dos deuses, por oposição ao profano (*profanum*), próprio da vida corrente dos homens. E é impossível nesta altura deter o nosso espírito, que rapidamente se satisfaz em rememorar as tradições religiosas entre os Gregos da Antiguidade, onde o sacrifício cruento ocupava uma inusitada centralidade na vida da *polis*, uma vivência estranha à mentalidade contemporânea, dando um carácter sagrado à ordem humana e social, como nos relata Jean-Pierre Vernant: “Na guerra ou na paz, antes de travar batalha ou na abertura de uma assembleia, ou ainda na posse dos magistrados, a execução de um sacrifício não é menos necessária que durante as grandes festas religiosas do calendário sacro”<sup>74</sup>. O sacrifício lendário de Ifigénia, ordenado pelo próprio pai, Agamémnon, a fim de propiciar a vontade de Ártemis e, assim, libertar a armada aqueia que se encontrava prisioneira de uma prolongada calmaria em Áulis, é bem o símbolo disso mesmo. Mas a deusa, como se sabe, no derradeiro momento, substituiu a jovem por uma corça.

A par deste culto público, a mentalidade grega também acolheu outras formas de expressão da religiosidade popular, mais identificadas com as as-

---

<sup>72</sup> PASCOAES (1991) 123.

<sup>73</sup> PASCOAES (1915a) 18.

<sup>74</sup> VERNANT (2009) 60.

pirações individuais, que nasceram de um desejo de contacto pessoal com a divindade; todas estas manifestações integraram o denominado misticismo grego, olhado, em alguns casos, com alguma suspeição pela pólis. É aqui que se situa o orfismo, corrente que rejeita o sacrifício cruento e busca uma união com o divino mediada por uma vida pura, baseada num regime vegetariano, o que levará os seus seguidores a escapar à finitude e à morte, desde que observem uma certa disciplina nos seus exercícios espirituais. E Pascoaes testemunha esta “eterna aspiração humana, já celebrada nos Mistérios de Elêusis, entrevista nas églogas de Virgílio...”<sup>75</sup>. Porém, “a religião grega não conheceu a personagem do ‘renunciante’. Foi a filosofia que, ao transpor para seu próprio registo os temas da ascese, da purificação da alma, da imortalidade desta, assumiu esta tarefa”<sup>76</sup>.

Na verdade, Platão, no seu tratado *A República*<sup>77</sup>, fala desta ascese, ascensão, e da sua natureza, ao caracterizá-la como um conjunto de exercícios, não só espirituais, através da música, que compreende a literatura, mas também a ginástica para o corpo, que ocupa o segundo lugar, o que nos aproxima do conceito de ‘paideia’ ou ‘instrução’. Ora isto remete-nos, como já o demonstrou José Rosa<sup>78</sup>, para uma proximidade com o *Liber Sapientiae*, do *Vetus Testamentum*. Também aqui o carácter deste desejo de ascensão se revela de forma idêntica, como, por exemplo, neste passo: *initium enim illius verissima est disciplinae concupiscentia, cura vero disciplinae dilectio est*, isto é, “o princípio da sabedoria é o desejo sincero de se instruir, e desejar instruir-se é já amá-la”<sup>79</sup>. O próprio processo que aqui se descreve de ascese mística em tudo se parece com a via ascensional ao supremo Bem no *Banquete* de Platão<sup>80</sup>. Esta referência à Bíblia parece-nos fator relevante pelo lugar que ela ocupa nas suas leituras, a par de outras de alguns poetas da sua preferência: Lucrécio, Virgílio, Dante, Camões, Frei Agostinho de Santa Cruz<sup>81</sup>.

---

<sup>75</sup> PASCOAES (1991) 107.

<sup>76</sup> VERNANT (2009) 88.

<sup>77</sup> PLAT. *Rsp.* 376e.

<sup>78</sup> ROSA (1997) 52.

<sup>79</sup> *Vulg. Sap.* 6.17.

<sup>80</sup> PLAT. *Conv.* 210a-212.

<sup>81</sup> COUTINHO (1995) 53.

É eloquente, a respeito do que se está a dizer, este passo do artigo “Da guerra”, inserto na revista *A Águia*: “O português é profunda e lastimavelmente partidarista. Trocou *Os Lusíadas* e a *Bíblia* pelo *Século* e pela *Carta...*”<sup>82</sup>.

Neste momento, uma questão é pertinente: por que razão Pascoaes nunca usa a palavra ‘ascese’, no contexto do sacrifício, enquanto meio para atingir o Ser espiritual, a Perfeição? Sabendo nós que se trata de um conceito fundamental da cultura grega e que passou à mundividência judaico-cristão, será que isso pode denunciar aquilo que Ferreira Patrício<sup>83</sup> já afirmou, dizendo que Pascoaes “está fora da tradição judaico-cristã”? Explicará esta atitude do poeta do Marão a sua defesa de uma Igreja lusitana, como se pode ler na *Arte de Ser Português*? Diz ele:

*É tão vivo em nós o espírito de independência religiosa, que os nossos melhores teólogos sempre defenderam princípios de acordo com a autonomia da nossa Igreja. Assim Diogo Paiva de Andrade, Frei Bartolomeu dos Mártires e o célebre teólogo António Pereira, num tempo em que era absorvente o poder papal e o jesuítico, defenderam todos os princípios libertadores e nacionalizadores da Igreja lusitana*<sup>84</sup>.

Retomando o fio condutor da nossa reflexão em torno da natureza do sacrifício à luz das fontes da Antiguidade Clássica, vai ficando clara a importância da cultura grega e, de forma mais abrangente, do helenismo que sabiamente harmonizou a filosofia grega com a tradição judaico-cristã, como é bem visível na obra de Fílon de Alexandria (20/13 a.C. – c. 50 d.C.) e, mais tarde, na de Flávio Josefo (37/38 – c. 100).

O carácter deste sacrifício, na linha da tradição platónica acima referida, aponta na direção da paideia grega, com um sentido de instrução, educação. Por outro lado, este sacrifício é mediador entre o humano e o divino, entre o material e o espiritual e, por isso, transformou-se em Lei Suprema, lei essa que só existe no Universo, intermédio entre um princípio e um fim, como se pode concluir a partir da leitura de *Santo Agostinho* do poeta amarantino<sup>85</sup>.

---

<sup>82</sup> PASCOAES (1915b) 60.

<sup>83</sup> PATRÍCIO (1963) 53.

<sup>84</sup> PASCOAES (1991) 83.

<sup>85</sup> TAVARES (2012) 43.

Mas esta educação há de cumprir-se sob o signo da dialética, na tensão contínua entre a ascensão e a queda, entre a luz e as trevas. Tudo isto nos remete para uma alusão à alegoria dos cavalos e corcéis descrita no *Fedro* de Platão e que ilustra bem esta afirmação, um mito de que já nos aparece notícia em Píndaro. Diz Platão: *καὶ πρῶτον μὲν ἡμῶν ὁ ἄρχων συνωρίδος ἡνιοχεῖ, εἶτα τῶν ἵππων ὁ μὲν ἀντῶ καλός τε καὶ ἀγαθός καὶ ἐκ τοιούτων, ὁ δ' ἐξ ἐναντίων τε καὶ ἐναντίος· χαλεπὴ δὴ καὶ δύσκολος ἐξ ἀνάγκης ἢ περὶ ἡμᾶς ἡνιόχησι*, isto é, “quanto a nós, somos os cocheiros de uma atrelagem puxada por dois cavalos, sendo um belo e bom, de boa raça, e sendo o outro precisamente o contrário, de natureza oposta, de onde provém a dificuldade que há em conduzirmos o nosso próprio carro”<sup>86</sup> (passo traduzido por P. Gomes<sup>87</sup>). Deste afã resulta que ao cocheiro humano torna-se vital a harmonia da parelha.

É na riquíssima tradição da arte do diálogo entre os gregos que a dialética ganha expressão enquanto caminho ou ‘método’<sup>88</sup> que procede seguindo um duplo movimento de subida e descida<sup>89</sup>:

*ἡ διαλεκτικὴ μέθοδος μόνη ταύτη πορεύεται, τὰς ὑποθέσεις ἀναιροῦσα, ἐπ' αὐτὴν τὴν ἀρχὴν (533d) ἵνα βεβαιώσῃται, καὶ τῶ ὄντι ἐν βορβόρω βαρβαρικῶ τινι τὸ τῆς ψυχῆς ὄμμα κατορωρυγμένον ἡρέμα ἔλκει καὶ ἀνάγει ἄνω, συνερίθοις καὶ συμπεριαγωγοῖς χρωμένῃ αἷς διήλθομεν τέχναις·*

*O método da dialética é o único que procede, por meio da destruição de hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie do lodo bárbaro em que está atolada e eleva-os às alturas, utilizando como auxiliares para ajudar a conduzi-los as artes que analisámos<sup>90</sup>.*

A mesma simbologia se encontra no mito de Glauco, no Livro X de *A República*<sup>91</sup>. Mas mais importante que este método dialético que Platão considera a cúpula das ciências<sup>92</sup>, talvez seja surpreender na obra deste poeta

<sup>86</sup> Plat. *Phaedr.* 246a-b.

<sup>87</sup> GOMES (1989) 56.

<sup>88</sup> PLAT. *Rsp.* 533b.

<sup>89</sup> PLAT. *Rsp.* 533d.

<sup>90</sup> PLATÃO (2008).

<sup>91</sup> PLAT. *Rsp.* 611-612a.

<sup>92</sup> PLAT. *Rsp.* 534e.

uma das características mais identitárias do espírito grego, a sua predisposição agonística, isto é, o seu espírito de competição, com largas repercussões na cultura ocidental, a que já se referiu João Beato<sup>93</sup>:

*Uma das bases fundamentais da cultura ocidental é a forma de espiritualidade ritualizada no Drama dionisiaco e no Ágon olímpico, os dois pólos de um culto que explora as noções de dualidade e oposição como meios para atingir a unidade, ou seja, o estado de consciência representado pelo herói, um ser humano com atributos divinos.*

Esta dualidade está bem presente na *Arte de Ser Português*, em expressões como “imperfeito” e “perfeito”, “formas inferiores e superiores”<sup>94</sup>, “vida animal” e “vida espiritual”, “homem rudimentar” e “homem superior”<sup>95</sup>, “indivíduo belo e saudável” e “indivíduo doente e feio”<sup>96</sup>, “Espírito e Matéria”<sup>97</sup> que nos remetem para a dicotomia fundamental de paganismo-cristianismo, que deve ser lida à luz das condições da época em que viveu Pascoaes e que havia de traduzir-se, de forma singular, no seu poemeto *Jesus e Pã*, de 1903, em que se vislumbra a *forma mentis* do poeta que busca “uma espécie de *coincidentia oppositorum*”<sup>98</sup>, conforme se lê na “Terceira Fala” do seu *Jesus e Pã*<sup>99</sup>:

*É preciso ligar, fundir na mesma luz  
A vida deste mundo e uma existência ideal;  
A alegria da Flora e a paixão de Jesus,  
O beijo criador e a prece virginal!  
É preciso reunir na mesma comunhão  
A aspereza do mundo à doçura do céu,  
A leveza do lírio ao peso do alvião,  
E ao canto do trabalho a tua lira, Orfeu!  
(...)  
É preciso amar tudo e compreender tudo,  
Só neste sábio amor a Perfeição existe!*

<sup>93</sup> BEATO (2007) 97.

<sup>94</sup> PASCOAES (1991) 27.

<sup>95</sup> PASCOAES (1991) 33.

<sup>96</sup> PASCOAES (1991) 121.

<sup>97</sup> PASCOAES (1991) 83.

<sup>98</sup> ALVES (1996) 591.

<sup>99</sup> PASCOAES (1966) 48.

Na *Arte de Ser Português*, Pascoaes vai dizê-lo de forma insofismável, primeiro, quando diz que “a alma pátria é, portanto, caracterizada pela fusão que se realizou, na nossa Raça, do princípio naturalista ou ariano e do princípio espiritualista ou semita”<sup>100</sup>. Depois, quando fala do carácter do *génio lusíada* que “idealmente se completa pela feição religiosa que, absorvendo a ideia cristã e a pagã, deste dualismo extrai a sua unidade sentimental, aquele *sentimento saudoso das Coisas, da Vida e de Deus*, que anima de original e mística beleza a nossa Arte, Poesia, Literatura e Cristianismo”<sup>101</sup>. E mais à frente, lá reaparece o deus Pã a pôr o povo “em convivência com o outro Mundo”<sup>102</sup>.

O ideal de Pascoaes é “transmutar o demoníaco em divino”<sup>103</sup>, isto é, consiste em elevar o português, enquanto indivíduo, à condição de patriota, sacrificando tudo, a sua própria vida à Pátria, “ser espiritual e divino”<sup>104</sup>. Fala mesmo “em destino de sacrifício e redenção”<sup>105</sup>, a que ninguém se pode furtar. A falta de persistência e a imitação conduzem a uma “queda do espírito de sacrifício, a quebra da relação entre o indivíduo e o seu destino de chefe de família e patriota”<sup>106</sup>.

E são as almas heroicas que, por excelência, podem manter vivo este espírito de sacrifício e apressar a transmutação do material para o divino, do individual para o coletivo, sobrelevando-se a Pátria espiritual. E, por isso, o poeta amarantino deseja impulsionar o culto religioso dos nossos antepassados, apresentando como primeiro lídimo representante de uma Alma que se ergueu bem alto por entre a confusão das raças da Ibéria a “figura homérica de Viriato”<sup>107</sup>, em que a referência geral avocada ao adjetivo ‘homérica’ dá à figura de Viriato uma coloração mais augusta e de maior universalidade.

Por isso, o adjetivo ‘homérica’ não aparece aqui em vão, com toda a certeza. É em Homero que se manifesta uma das mais importantes idiossin-

---

<sup>100</sup> PASCOAES (1991) 61-62.

<sup>101</sup> PASCOAES (1991) 62.

<sup>102</sup> PASCOAES (1991) 70.

<sup>103</sup> PASCOAES (1991) 120.

<sup>104</sup> PASCOAES (1991) 28.

<sup>105</sup> PASCOAES (1991) 123.

<sup>106</sup> PASCOAES (1991) 104.

<sup>107</sup> PASCOAES (1991) 83.

crasias do espírito grego na sociedade da época arcaica, que é o espírito de competição, o mesmo é dizer, o espírito agónico dos gregos. O costume de concursos desportivos está documentado em Homero, na *Iliada*, quando se descrevem os jogos fúnebres em honra de Pátroclo, no Canto XXIII, no âmbito dos quais essas provas se tornam dominantes; mas também se encontram no Canto VIII da *Odisseia*, quando se relata a receção que os Feaces fizeram ao herói Ulisses, organizando jogos em sua honra. E quando se pensa na *Iliada*, está desde logo presente o antagonismo entre Aquiles e Heitor, exacerbado com a morte de Pátroclo. Para o herói grego era bem preferível a morte heroica a uma vida longa e sem honra (IX.410-416), como Tétis anuncia ao seu filho Ulisses<sup>108</sup>:

μήτηρ γάρ τέ μέ φησι θεὰ Θέτις ἀργυρόπεζα  
 διχθαδίας κῆρας φερέμεν θανάτοιο τέλος δέ.  
 εἰ μὲν κ' ἀῖθι μένων Τρώων πόλιν ἀμφιμάχωμαι,  
 ὄλετο μὲν μοι νόστος, ἀτὰρ κλέος ἄφθιτον ἔσται·  
 εἰ δέ κεν οἴκαδ' ἴκωμι φίλην ἐς πατρίδα γαῖαν,  
 ὄλετό μοι κλέος ἐσθλόν, ἐπὶ δηρὸν δέ μοι αἰῶν  
 ἔσσεται, οὐδέ κέ μ' ὄκα τέλος θανάτοιο κιχείη.

*Na verdade, me disse minha mãe, Tétis de pés prateados,  
 Que um dual destino me leva até ao termo da morte:  
 Se eu aqui ficar a combater em torno da cidade de Tróia,  
 Perece o meu regresso, mas terei uma vida longa,  
 E o termo da morte não virá depressa ao meu encontro*<sup>109</sup>.

Ora este espírito agónico, a partir do exercício prático e disciplinado, o sentido original de 'ascese', traduzia-se na procura constante da superação dos limites humanos, rumo a um modelo humano de excelência, que se identificava com o herói. Este herói olímpico, para os espectadores, era alguém divinizado, era um ser humano mais próximo da divindade, simultaneamente expoente da beleza física, mas também exemplo da ética da tradição épica, isto é, belo e bom, que se exprime pela palavra *καλοκάγαθία*, o grande ideal humano da época arcaica da Grécia Antiga. É nas competições atléticas que se manifesta o princípio de Apolo, em que o ser humano se eleva, assim, à contemplação do absoluto, da totalidade, que se manifesta em Zeus, sinal

<sup>108</sup> HOM. II.9.410-416.

<sup>109</sup> HOMERO (2005) 191.

de transcendência. Com efeito, as divindades são consideradas manifestações parcelares da unidade da manifestação, que é Zeus. Mas a par desta manifestação própria do universo pagão, perfila-se o culto do Drama, que aflora à pena do poeta do Marão, na *Arte de Ser Português*, a propósito do deus Pã, numa referência geral a um dos autores mais importantes da tragédia grega: “Este medo, esta Dor fantasma, terrível por indefinida, e ansiosa por inatingível, não encontrou ainda o seu Ésquilo”<sup>110</sup>.

Da mesma índole é a natureza do sacrifício, do herói na *Arte de ser Português*: “O sentimento de ser sacrifício, para ser, exige aquele excesso de vida que nos leva a desprezar a morte e a trabalhar alegremente”<sup>111</sup>.

Teixeira de Pascoaes vive num tempo profundamente influenciado pela obra de Nietzsche e de Freud, que “promovem a recuperação e a revalorização do universo dionisíaco, fazendo-o regressar à superfície da Terra, isto é, à consciência”<sup>112</sup>, como já escreveu João Beato<sup>113</sup>. Jorge Coutinho, a este propósito, é claro ao definir a *forma mentis* de Pascoaes, mais próxima da “sugestão simbólica e metafórica, não o do conceito rigoroso e científico. Pascoaes é muito mais filho de Dionísio que de Apolo. O seu reino é o do luar nocturno não o da claridade diurna. A força anímica que traz o pensamento à linguagem não é a da razão clara e distinta, mas a do sentimento arracional e obscuro”<sup>114</sup>.

A esta influência do autor alemão, Nietzsche, se refere ele no *Santo Agostinho* (1945: 101): “A obra de Nietzsche foi, na verdade, um deslumbramento. E chegou a ser embriaguez, tal a virtude báquica do seu estilo!”<sup>115</sup>. Na *Arte de Ser Português*, pode ler-se, a propósito de uma quadra popular em que se “vê o nosso Cristianismo colorido de vivas tintas pagãs”: “na primeira quadra, a embriaguez dionisíaca tinge de alvoroço alegre a celeste figura da Virgem que vai colher o negro fruto da Alegria...”<sup>116</sup>. Por outro lado, foi

---

<sup>110</sup> PASCOAES (1991) 70.

<sup>111</sup> PASCOAES (1991) 34.

<sup>112</sup> PASCOAES (1991) 34.

<sup>113</sup> BEATO (2007) 100.

<sup>114</sup> COUTINHO (1995) 429.

<sup>115</sup> PASCOAES (1945) 101.

<sup>116</sup> PASCOAES (1945) 85-86.

aquela educação homérica, fundada no espírito agonístico, que influenciou este autor alemão em diversos momentos da criação da sua obra, como o demonstra Nunes Bittencourt<sup>117</sup> citando, nomeadamente, *A Disputa de Homero*, *A Visão Dionisiaca do Mundo*, *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*, *Ecce homo – como alguém se torna o que se é*, *O nascimento da Tragédia ou o helenismo e o pessimismo*.

Teixeira de Pascoaes viveu num tempo em que se assistiu a um revigorado interesse pela cultura grega antiga e que via nela uma porta para a solução dos seus problemas. Nesta cultura se parece inspirar o poeta do Marão quando faz o diagnóstico da atualidade da sua Pátria, deixando entrever uma solução apolínea, em luta com a tendência dionisíaca: “A antiga concórdia entre a *Unidade disciplinadora* e a livre *iniciativa* quebrou-se, estabelecendo-se a confusão do Caos, no qual os elementos dissolvidos procuram animar-se de uma nova Simpatia que os organize”<sup>118</sup>.

Era impossível Pascoaes não ter vivido com renovado interesse a aventura do rico comerciante alemão Heinrich Schliemann que, de *Ilíada* na mão, havia de descobrir a majestosa civilização de Micenas e identificar a famosa Troia clássica na localidade de Hissarlik, situada nas colinas da Anatólia, atual Turquia. Que não se deixasse contagiar pelo herói Ulisses que, “encarnação da curiosidade e do espírito agónico característicos da mentalidade grega — e, por extensão, do ser humano em geral —, comporta de igual modo uma sujeição ao perigo, pois a aventura do conhecimento pressupõe sempre uma exposição aos riscos da incerteza, à experiência do sofrimento vivido”<sup>119</sup>. A atitude deste herói do sacrifício, que muito sofreu, mas que não virou a cara a novos desafios, permitiu, assim, diz Delfim Leão no mesmo sítio, “que a odisseia do progresso civilizacional continuasse a compor novos capítulos da história da humanidade”. Outro herói também se distinguiu pela sua capacidade de persuasão no uso da palavra em plena Assembleia, o que dá oportunidade a Pascoaes para fazer mais uma referência geral à Cultura Grega e que, eventualmente, pode explicar a decisão do poeta do Marão para

---

<sup>117</sup> BITTENCOURT (2010) 1-5.

<sup>118</sup> PASCOAES (1991) 99.

<sup>119</sup> LEÃO (2013) 23.

a escrita deste seu manual de pendor cívico, em ambiente de espírito bélicos: “Disse Filipe da Macedónia em outros tempos (belos tempos!) que temia mais o verbo de Demosthenes que os exércitos de Darius”<sup>120</sup>.

Como resulta do que foi dito, a ideia de sacrifício na *Arte de Ser Português* identifica-se muito com este espírito agónico dos primeiros gregos: enquanto sinónimo de ascese, aproxima-se da paideia grega, que implica a formação, a educação do herói do sacrifício a partir de textos fundacionais da cultura portuguesa onde mais se manifesta o génio da alma patria, donde resulta um evidente carácter didático deste manual pascoalino. Também ele, à semelhança dos génios que o precederam, se mostrou um espírito inquieto, com “a mania de investigar a alma das coisas, ou essa aparição simbolizada nas aparências”<sup>121</sup>, procurando transmitir à posteridade a sua conceção de ser humano, enquanto arauto de uma nova era, consciente, porém, da sua finitude<sup>122</sup>:

*Os artistas possuindo o culto da existência, ambicionavam dignificá-la e embelezá-la conforme o protótipo idealizado. Se não temos ainda o homem, temos a sua estátua. Os artistas da Grécia realizaram o indivíduo eleito, deram-lhe uma forma, que sendo humana atinge a Divindade. Fídias esculpindo corpos, foi o precursor de Paulo o escultor de almas.*

## Bibliografia

A *Águia: revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica*. Dir. e propr. Álvaro Pinto. Outros diretores: Teixeira de Pascoais, António Carneiro, Leonardo Coimbra, Teixeira Rego, Hernâni Cidade, Casais Monteiro, Santa Anna Dionísio, Aarão de Lacerda e Delfim Santos. S. 1, a. 1, nº 1 (dez. 1910) - a. 20, nº 3 (maio/Jul. 1932). Porto, Tércio Miranda, 1910-1932. Versão digital consultada: <http://purl.pt/12152>.

ALVES, M. dos Santos (1996), “Teixeira de Pascoaes e a visão dialéctica do ser: contexto e matriz cultural”: *Diacrítica* 11 (1996) 581-602.

BATTELLI, Guido (1953) *Teixeira de Pascoaes*. Coimbra, Coimbra Ed.

---

<sup>120</sup> PASCOAES (1915b) 57.

<sup>121</sup> PASCOAES (1945) 9.

<sup>122</sup> PASCOAES (1945) 283.

- BEATO, João (2007), "Caminho marítimo, o elemento oriental na cosmologia d' *Os Lusíadas*": *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* 11 (2007) 97-107.
- BITTENCOURT, R. Nunes (2010), "Nietzsche intérprete da agonística grega": *Controvérsia* 6 (2010 – 1) 1-15.
- BORRALHO, M. L. Malato (2004), "Teixeira de Pascoaes: um clássico romântico?": *Revista da Faculdade de Letras* 21 (2004) 81-102.
- CARVALHO, J. de (1987), "Reflexões sobre Teixeira de Pascoaes": J. de CARVALHO, *Obra Completa. V – História e Crítica Literárias. História da Ciência*. Introdução de José V. de Pina Martins. Lx., FCG, 72-88.
- CARVALHO, J. Carlos (2015), "A teoria do sacrifício de Teixeira Rego revisitada": *Theologica* 51 (2015 – 1) 125-138.
- COIMBRA, Leonardo (1958), *O Criacionismo (Síntese Filosófica)*. Pref. de Delfim Santos. Porto, Liv. Tavares Martins.
- COUTINHO, Jorge (1995), *O Pensamento de Teixeira de Pascoaes*. Estudo hermenêutico. Braga, Pub. da Fac. de Filosofia da Univ. Católica Portuguesa.
- DIAS, J. M. Barros (2002), *Miguel de Unamuno e Teixeira de Pascoaes: compromissos plenos para a educação dos povos peninsulares*. Pref. de M. Ferreira Patrício. Voll. I e II. Lx., IN-CM.
- FREIRE, A. (1967), *O Pensamento de Platão*. Braga, Liv. Cruz.
- HOMERO (2005), *Iliada*. Trad. de Frederico Lourenço. Lx, Liv. Cotovia.
- LAUSBERG, Heinrich (1972), *Elementos de retórica Literária*. Trad. de R. M. Rosado Fernandes. Lx., FCG.
- DÍAZ LAVADO, JUAN MANUEL (1999), *Las citas de Homero em Plutarco*. Cáceres, Univ. de Extremadura.
- LEÃO, D. (2013), "Introdução aos Estudos Clássicos": G. CORNELLI e G. G. da COSTA (Orgs. - 2013), *Estudos Clássicos I: origens do pensamento ocidental*. Brasília, UNESCO, Cátedra UNESCO Archai; Coimbra, Imp.Univ. de Coimbra, 15-34.
- LÓPEZ EIRE, A. (2004), "La poética de la prepoética. La poética prearistotélica": J. A. S. MARÍN e M. N. M. MARTÍN (eds.), *Retórica, Poética y Géneros Literarios*. Granada, Ed. Univ. de Granada, 11-37.
- MAIA, João (2002), *Filosofia e Humanidades para todos*. Braga, Ed. Appacdm.
- MUÑOZ MARTÍN, M. Nieves (2006), "Retórica y poética desde la Antigüedad a la Edad Media": M. I. M. RAMÍREZ e M. N. M. MARTÍN, (eds.), *Las Letras y las Ciencias en el medievo Hispánico*. Presentación de José A. Sánchez Marín. Granada, Ed. Univ. de Granada, 221-279.

- MENDES, João (1982), “Noção de Arte”: J. MENDES (1982) *Estética Literária*. Lisboa, Ed. Verbo, 49-138.
- PASCOAES, T. (1912a), “Renascença”: *A Águia* 1 – 2.<sup>a</sup> série (1912 – jan.) 1-3.
- PASCOAES, T. (1912b), “Renascença (O espírito da nossa raça)”: *A Águia* 2 – 2.<sup>a</sup> série (1912 – fev.) 33-34.
- PASCOAES, T. (1914a), “A era lusíada”: *A Águia* 28 – 2.<sup>a</sup> série (1914 – abr.) 97-101.
- PASCOAES, T. (1914b), “Mais palavras ao homem da espada de pau”: *A Águia* 31-2.<sup>a</sup> série (1914 – jul.) 1-5.
- PASCOAES, T. (1914c), “Portugal e a guerra e a orientação das novas nações”: *A Águia* 36-2.<sup>a</sup> série (1914 – dez.) 161-168.
- PASCOAES T. (1915a), “Uma carta a dois filósofos”: *A Águia* 43-2.<sup>a</sup> série (1915 – jul.) 11-19.
- PASCOAES, T. (1915b), “Da Guerra”: *A Águia* 44-2.<sup>a</sup> série (1915 – ago.) 57-61.
- PASCOAES, T. (1915), “O tempo (1914-1915)”: *A Águia* 32-2.<sup>a</sup> série (1915 – jan.) 1-3.
- PASCOAES, T. (1945), *Santo Agostinho*. Porto, Liv. Civilização.
- PASCOAES, T. (1991), *Arte de Ser Português*. Introd. de M. Esteves Cardoso. Lix., Assírio & Alvim.
- PASCOAES, T. (1993), *O Homem Universal e outros escritos*. Fixação do texto, pref. e notas de Pinharanda Gomes. Lx., Assírio & Alvim.
- PASCOAES, T. (1966), *Jesus e Pã: Obras Completas* (ed. de J. Prado Coelho), Vol. II, Lx., Liv. Bertrand.
- PATRÍCIO, M. Ferreira (1996), *O Messianismo de Teixeira de Pascoaes e a Educação dos Portugueses*. Lx., IN-CM.
- PLATÃO (2008), *A República*. Introd., trad. e notas de M. H. Rocha Pereira. Lisboa, FCG.
- PLATÃO (1989), *Fedro*. Trad. e notas de Pinharanda Gomes. Lx., Guimarães Editores.
- ROSA, José (1997), “Judaísmo tardio e Helenismo. Aproximações”: *Gepolis* (1997) 44-67.
- SAMUEL, Paulo (2004), *Teixeira de Pascoaes na Revista A Águia*. Porto, Ed. Caixotim.
- SÉRGIO, A. (1914), “Explicações necessárias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada dum relâmpago”: *A Águia*, 30 – 2.<sup>a</sup> série (1914 – jun.) 170-175.
- SÉRGIO, A. (1984), *Educação cívica*. Lisboa, Liv. Sá da Costa.

- SILVA, L. Craveiro da (1978), “A Filosofia em Teixeira de Pascoaes”, *Revista Portuguesa de Filosofia* 34 (1978) 51-58: L. C. da SILVA (1994), *Ensaio de Filosofia e Cultura Portuguesa*. Braga, Fac. de Filosofia, 220-228.
- SOARES, M. L. de Castro (2010), “Idealismo histórico e espiritualidade portuguesa em Camões e Pascoaes”: *Theologica* 45 – 2.<sup>a</sup> Série (2010-2) 599-612.
- TAVARES, M. Clara de Oliveira (2012), *A origem e a Dialética da “Dinâmica Existencial” em Teixeira de Pascoaes*. Dissertação de Mestrado. Porto, Fac. de Letras.
- VERNANT, Jean-Pierre (2009), *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Trad. de Joana Angélica D’Ávila Melo. São Paulo, Ed. WMF Martins Fontes.

\*\*\*\*\*

**Resumo:** O Autor situa o aparecimento da *Arte de Ser Português*, uma obra de maturidade, no contexto da sua época. Depois, identifica algumas linhas temáticas de inspiração predominantemente helénica que parecem estar presentes na definição da ideia de sacrifício apresentada por Teixeira de Pascoaes, neste seu pequeno manual de natureza cívica. Uma dinâmica impulsionada pela noção de “literatura de reuso” e, na sequência, de intertextualidade.

**Palavras-chave:** Ideia de sacrifício; Antiguidade Clássica; Literatura Portuguesa; Teixeira de Pascoaes; *Arte de Ser Português*.

**Resumen:** El autor sitúa el *Arte de Ser Português*, una obra de madurez, en el contexto de su época. Tras esto, identifica algunas líneas temáticas de inspiración predominantemente helénica que parecen estar presentes en la definición de la idea de sacrificio presentada por Teixeira de Pascoaes en este pequeño manual suyo de naturaleza cívica. Una dinámica impulsada por la noción de “literatura de reutilización” y, en consecuencia, de intertextualidad,

**Palabras clave:** idea de sacrificio; Antigüedad Clásica; Literatura Portuguesa; Teixeira de Pascoaes; *Arte de Ser Português*.

**Résumé:** L’auteur situe l’apparition de *L’Art d’être Portugais*, une œuvre de maturité, dans le contexte de son époque. Ensuite, il identifie certaines lignes thématiques d’inspiration essentiellement hellénique qui semblent être présentes dans la définition de l’idée de sacrifice présentée par Teixeira de Pascoaes, dans son petit manuel de nature civique. Une dynamique renforcée par la notion de « littérature de réemploi » et, dans la foulée, d’intertextualité.

**Mots-clés :** idée de sacrifice ; Antiquité Classique ; Littérature portugaise ; Teixeira de Pascoaes ; *L’Art d’être Portugais*.